

# **NARRATIVAS DE VIAGEM DE MARIA GRAHAM: REPRESENTAÇÕES DE ALTERIDADE E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES NO BRASIL OITOCENTISTA**

FRANCINE CASTOLDI MEDEIROS<sup>1</sup> ; MARIA ANGÉLICA ZUBARAN <sup>2</sup>

## **RESUMO**

*A relevância do estudo do Diário de Viagem da inglesa Maria Graham se insere na perspectiva teórica da Nova História Cultural que destaca a literatura de viagem, os diários e cartas produzidos por viajantes estrangeiros, como preciosos documentos sobre encontros culturais entre culturas distantes e desconhecidas. Este artigo utiliza o diário de viagem de Maria Graham sobre o Brasil oitocentista para investigar a construção da identidade e da alteridade do sujeito imperial mulher nas periferias dos Impérios coloniais. Busca-se examinar os critérios europeus que mediaram a auto-representação da viajante-autora e suas representações sobre o outro/outros nativos.*

**Palavras-chave:** representações, viajantes mulheres, auto-identidade, alteridade.

## **ABSTRACT**

*The importance of the study of the British traveler Maria Graham's travel journal stems from the theoretical perspective of the New Cultural History insofar as it highlights travel literature, journals and*

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de História - Bolsista PROICT/  
ULBRA

<sup>2</sup> Professora - Orientadora Curso de História/ULBRA  
(mzubaran@terra.com.br)

*letters produced by foreign travelers, as precious documents about cultural encounters between distant, unknown cultures. The article explores Maria Graham's travel journal in nineteenth-century Brazil so as to investigate the construction of identity and alterity of the female imperial subject in the periphery of colonial Empires. An attempt is made at examining the European criteria that mediated the self-representation of the travel writer and her representations of the native other.*

**Key words:** representations, women travelers, self-identity, alterity.

## INTRODUÇÃO

Durante o século XVIII e início do XIX, países da Europa ocidental, enviaram comerciantes, missionários, exploradores, colonizadores, soldados e um incrível número de diplomatas para a Ásia, África e América. Percy Adams argumenta que foi esse “fator Ulisses” entre os europeus do século XVIII que produziu para o resto do mundo incontáveis livros de literatura de viagem. Suas narrativas sobre os povos do mundo, suas tentativas de analisar a natureza e as pessoas constituíram-se em um importante aspecto do iluminismo europeu, um período que se encerra aproximadamente no final do século XVIII, na véspera do “século do imperialismo britânico” (Adams, 1983: p.130). De acordo com Mary Louise Pratt, os livros de viagem de ingleses e inglesas contribuíram para justificar o processo de expansão britânica nesse período, divulgando “máximas sobre a superioridade intelectual, moral e prática dos ingleses” (Pratt, 1985: p.301).

A literatura de viagem, assim como outros gêneros literários, foi escrita de muitas formas, embora as mais populares tenham sido as cartas e o Diário. O diário de viagem, enraizado na dimensão privada da existência ofereceu uma voz provisória as mulheres viajantes a quem era negado o acesso seguro à expressão pública. De acordo com Percy Adams, a literatura de viagem não era somente “um relatório objetivo, uma descrição de lugares e pessoas vistos,

muito mais freqüentemente era uma interpretação subjetiva — ‘observações’ era o termo favorito — de cenas da política, religião, e eventos sociais” (Adams, 1983: p.280).

Os relatos de viagem, assim como as viagens, foram durante muito tempo território exclusivamente masculino. As mulheres formavam uma pequena minoria entre os estrangeiros visitantes do Brasil oitocentista. Miriam Moreira Leite apura que dos oitenta livros de viajantes levantados no século XIX, apenas cinco foram escritos por mulheres na primeira metade do século (Leite, 1997: p.100). As motivações femininas para participarem em viagens transatlânticas rumo à América do Sul ou aos Mares do Sul podiam ou não assemelhar-se às motivações masculinas. Enquanto os homens-viajantes seguiam preferencialmente o chamado de suas ocupações, aventurando-se como naturalistas, mineralogistas, engenheiros, desenhistas, diplomatas, comerciantes, militares e missionários, a maioria das mulheres viajavam como esposas e auxiliares de seus maridos, algumas como naturalistas e professoras (Hahner, 1998: p.13). Entretanto, é importante destacar, que mesmo no caso em que viajaram com os maridos, as mulheres-viajantes rompiam com muitos dos padrões da época ao participarem de viagens transatlânticas, não só porque ampliavam o espaço social atribuído as mulheres, mas também porque rompiam os elos com a família em seus países de origem.

Como salienta Tania Quintaneiro, os relatos de viajantes-autoras permitem-nos recuperar uma série de aspectos da vida cotidiana no Brasil imperial não incluídos habitualmente em outros relatos. Como estranhas ao grupo, as mulheres estrangeiras viajantes observaram padrões de comportamento e aspectos da nossa cultura que passavam despercebidos para aquelas que, “desde dentro”, não tinham a distância necessária para enxergá-los (Quintaneiro: 1996, p.22). Neste sentido, as autoras-viajantes contribuem com um duplo testemunho na produção de identidades femininas no século XIX: por um lado, as reflexões e representações sobre a sua própria condição de mulher europeia viajante, que podemos chamar de auto-representação, e por outro lado, as representações sobre o outro/as que encontram na zona de contato (Pratt, 2000, p. 27).

Salientamos ainda, que as viajantes estrangeiras e particularmente as professoras, tiveram acesso a uma convivência muito íntima com as famílias abastadas brasileiras proporcionando-lhes uma melhor compreensão do universo cotidiano das mulheres da elite e de suas escravas, aspecto negado aos viajantes estrangeiros homens, a quem era vetada a entrada na intimidade dos lares brasileiros.

Maria Graham fez parte deste restrito círculo de mulheres estrangeiras que exerceram a função de preceptoras no Brasil e que narraram e publicaram suas experiências tornando-se também viajantes-autoras. Vale ressaltar que o número de mulheres-viajantes autoras de livros de viagem sobre o Brasil oitocentista foi ainda mais reduzido do que seu número como viajantes, o que se explica em parte devido a sua posição subordinada na sociedade da época, que limi-

tava sua educação e sua capacidade de escrever e publicar e também porque como afirma Miriam Moreira Leite, no século XIX, o domínio das letras e da literatura era acentuadamente masculino (Leite, 1997, p. 102).

Nosso objetivo é identificar no Diário de viagem da viajante inglesa Maria Graham, intitulado *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There During Part of the years 1821, 1822, 1823*, a presença de dois discursos, o discurso científico-informativo, de descrição das maneiras e costumes da população nativa e o chamado discurso experiencial, subjetivo, sobre a própria viajante e examinar em cada uma destas tradições, quais foram os critérios europeus que mediaram sua auto-representação e a representação do outro/outros nativos no Brasil oitocentista. Nossa intenção é portanto, identificar os critérios envolvidos na construção de identidade e alteridades, problematizando as figuras retóricas e os estereótipos dominantes produzidos na representação do outro/outros brasileiro às vésperas da independência e nos primeiros anos pós-coloniais. Trata-se de investigar de que forma as representações de Maria Graham sobre a sociedade brasileira nos primeiros anos da segunda década do século XIX produziram significados vinculados a visão de mundo euroimperial, submetendo o outro nativo à lógica do conhecimento europeu metropolitano e como suas vivências no Brasil contribuíram para a produção de significados alternativos sobre si mesma e sobre o outro/a nativos.

Embora o imperialismo britânico no Brasil tenha ocupado um papel mais sistemático somente na segunda metade do século XIX, já durante o período em que Maria Graham permaneceu no Rio de Janeiro, a influência comercial e cultural

inglesa havia penetrado e alterado o estilo das famílias aristocráticas e burguesas de diversas formas. A abertura dos portos brasileiros ao comércio estrangeiro, preferencialmente britânico, em 1808 e posteriormente, a assinatura de dois tratados comerciais entre D. João VI e a Inglaterra em 1810, dando aos ingleses enormes vantagens comerciais, contribuíram para a expansão dos interesses comerciais britânicos no Brasil. Nesta época, a entrada de estrangeiros no Rio de Janeiro - comerciantes, cientistas, artistas, diplomatas, especialmente da Inglaterra, dava a cidade um ar cosmopolita e paralelamente europeizava hábitos e costumes.

Maria Graham testemunhou e registrou em seu diário de viagem os desdobramentos cotidianos desses processos econômicos, políticos e culturais que marcaram a relação entre o Brasil e a Inglaterra na segunda década do século XIX. A autora constrói um discurso historiográfico a partir de dados que recolhe das experiências vividas, de testemunhos de nativos e estrangeiros e das pesquisas que realizou em jornais, livros e documentos da biblioteca do Rio de Janeiro. Como outros viajantes europeus na América do Sul Graham chocou-se com o cotidiano da escravidão urbana, com os mercados e leilões de escravos no Rio de Janeiro. Em alguns aspectos a narrativa de Graham sobre a escravidão é diferenciada das narrativas dos viajantes-masculinos, geralmente mais estereotipadas e menos individualizadas. Graham traz descrições detalhadas da cidade do Rio de Janeiro e de seus arredores às vésperas da independência, comenta o desenvolvimento das lutas políticas, as guerras de independência, a instalação da primeira Assembleia Constituinte do Brasil, a aclamação e coroação de D. Pedro como imperador do Brasil. No entanto, não questiona a presença inglesa no Bra-

sil, tampouco as vantagens comerciais britânicas. Como sujeito de um projeto colonial leu com naturalidade a condição subalterna da nova nação que surgia já dependente.

## MATERIAL E MÉTODOS

Foram utilizadas as seguintes fontes históricas para o desenvolvimento desta pesquisa:

- O Diário de Viagem de Maria Graham, publicado em 1824 por Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown & Green, em Londres e traduzido para o espanhol e para o francês. Em 1956, seu diário foi traduzido para o português e publicado em São Paulo. Em 1969, foi publicado nos Estados Unidos por Frederick A. Praeger, Publishers. Uma nova edição do Diário de Viagem de Maria Graham foi lançada no Brasil em 1990, vol. 157 da coleção Reconquista do Brasil, co-edição da editora Itatiaia e da editora da Universidade de São Paulo.

- O Escorço biográfico de D. Pedro I e correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina, publicados nos Anais da Biblioteca Nacional, LX, Rio, 1940 e no livro de Jacobina Lacombe, *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Leopoldina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997.

O conteúdo do diário de viagem da viajante inglesa Maria Graham e do Escorço biográfico de D. Pedro I foram analisados a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural, particularmente, da contribuição do historiador francês Roger Chartier, para quem, toda história - seja econômica, social ou religiosa - requer o estudo dos sistemas de representação e dos atos

que esses sistemas produzem. Isto é o que faz dela uma História Cultural (Chartier, 1990: p. 89). Nesta mesma direção, adotamos a definição de cultura dos Estudos Culturais, como campo de luta em torno da significação social, campo onde se define a identidade cultural e social dos diferentes grupos (Silva, 2001: p.134). Este trabalho também se vale de *insights* dos críticos do pós-colonialismo, particularmente, Edward Said, Homi Bhabha e Mary Louise Pratt. Esses teóricos salientam que a produção de imagens sobre outra cultura é uma prática cultural e política que contribui para investigar de que modo as representações dos viajantes europeus sobre os habitantes do mundo não-europeu serviram para reforçar os valores dominantes do euroimperialismo ocidental ou para estimular a revisão das concepções do europeu sobre si mesmo. Pratt, afirma que os relatos de viagem dos séculos XVIII e XIX “desempenham um papel importante na produção dos sujeitos domésticos da expansão capitalista européia do século XIX” (Pratt, 1992, p. 121). Trata-se de compreender como os relatos de viagem construíram o restante do mundo para os leitores europeus e desta forma contribuir para a descolonização do conhecimento sobre os outros. Como esclarece Edward Said, a marca fundamental do pensamento cultural na era do imperialismo foi uma noção fundamentalmente estática de identidade, onde existe um “nós” e um “eles”, cada qual muito bem definido, claro, auto-evidente (Said, 1995, p. 95).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora Graham fosse uma inglesa cultivada cuja influência podia sentir-se muito além de

seu círculo doméstico, escritora de vários livros, que expressava a necessidade de auto-realização pessoal e que foi bem sucedida em estabelecer relações públicas em um país estrangeiro, seus relatos evidenciam a posição ambígua da narradora, que ora se representa como mulher estrangeira, solitária, de saúde frágil, ora como mulher independente, que assumiu os riscos de viver sem a companhia do marido num país estrangeiro, expondo-se as moléstias tropicais e aos perigos das excursões pelo interior e pelas florestas virgens. Apesar de Maria Graham ter participado em diversos eventos públicos e ampliado consideravelmente seu espaço social no país visitado, sua socialização esteve quase sempre marcada pela intermediação masculina e por diferentes aspectos de contenção. Quando em lugares públicos, Graham usualmente se fazia acompanhar de uma presença masculina que de acordo com a ideologia de gênero imposta as mulheres de classe média inglesa no século XVIII fazia-se necessária a fim de “protegê-las da possível exposição a avanços sexuais e sociais” (Hall, 1980: p. 405). Quando passeava a cavalo pelos arredores da cidade, exercício usual entre as mulheres inglesas de classe média, Graham fazia-se acompanhar dos jovens oficiais ingleses de seu navio (Hall, 1980: p.403). Era durante os passeios pelos arredores da cidade para admiração dos panoramas e das cenas pitorescas que Graham mostrava-se mais intimamente satisfeita. Como afirma Ana Maria Belluzzo, os passeios pitorescos pelos arredores da cidade tornam-se práticas habituais entre os artistas-viajantes que combinam o exercício espiritual com a apreciação estética. Graham manifesta em seus passeios esse sentimento de encantamento com a natureza exuberante do Rio de Janeiro.

De um lado, Graham aceita a existência de traços culturais socialmente considerados como femininos e de um duplo padrão de moralidade com padrões de comportamento diferentes para homens e mulheres, por exemplo, quando afirma “nem o meu sexo nem minha situação me permitiram informações especiais relativas aos acontecimentos políticos de um país” (Graham, 1990: p.81). Por outro lado, num interessante contraponto, quando instalação da primeira Assembléia Constituinte do Brasil, no Rio de Janeiro em 1823, Graham queixa-se da proibição da entrada das mulheres na Assembléia Constituinte e afirma: “Acho muito aborrecido que as senhoras não possam assistir as reuniões da Assembléia. Sei que não há qualquer proibição formal, mas a coisa é considerada tão inadmissível que não posso ir” (Graham, 1990: p. 320).

É importante salientar que a relação de Maria Graham com o Brasil, no decorrer de suas três viagens, foi mudando de acordo com seu envolvimento com o Brasil e com seus habitantes. Na primeira viagem, entre setembro de 1821 e março de 1822, permaneceu a maior parte do tempo na fragata Doris, ancorada nos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro e com contatos esporádicos com os moradores destas cidades. Na segunda viagem para o Brasil, Graham retorna do Chile em março de 1823, após a morte de seu marido, e representa-se inicialmente, como uma mulher sozinha e desprotegida. A autora afirma: “Logo depois que cheguei aqui, em março, senti que na qualidade de estrangeira, e na posição em que me encontro estava extremamente desamparada” (Graham, 1990: p.280). A imagem da “mulher desprotegida” era prevalente entre as mulheres da classe média inglesa e estava relacionada as virtudes de fragilidade, dependência e passividade dos pa-

drões de feminilidade vitorianos. Entretanto, após a viuvez e, particularmente, depois da volta de seu primo Glennie para a Europa, Graham decide abandonar seus hábitos sedentários e fazer visitas aos vizinhos. A autora tornou-se cada vez mais íntima da sociedade do Rio de Janeiro, aprendeu a falar português, socializou com membros da comunidade inglesa e com damas da elite portuguesa. Por motivos de saúde Graham foi aconselhada por seu médico a transferir-se para uma casinha com sobrado na praia de Botafogo, de onde acompanhava pelos jornais as notícias de interesse público. Assim se pronunciou sobre o local: “A baía de Botafogo é certamente um dos panoramas mais belos do mundo...” (Graham, 1990: p. 305). Posteriormente, Graham vai morar na cidade, na rua dos pescadores no. 79, e comenta: “Minha ida para a cidade talvez possa ser evitada, mas há talvez algumas coisas que provavelmente aprenderei mais perfeitamente vivendo ali: além disso não é Lord Bacon que aconselha, para aproveitar bem uma viagem, não somente mudar-se de cidade para cidade, mas ainda “mudar a instalação de um ponto extremo ao outro?” (Graham, 1990: p. 356). Na cidade, Maria Graham passou a freqüentar assiduamente a Biblioteca Pública e a falar mais o português. No entanto, como afirma Belluzzo, de um modo geral o ambiente urbano do Rio de Janeiro é visto como um signo negativo para os cultores do pitoresco, o que Graham confirma ao se referir a sua “quente e barulhenta residência na Rua dos Pescadores” (Lacombe, 1997: p. 107). A autora permaneceu no Rio de Janeiro até 21 de outubro de 1824, quando partiu para a Inglaterra já prevendo seu retorno. Na terceira viagem ao Brasil, Graham voltou para o Rio de Janeiro em setembro de 1824, para ser a governanta da princesa Maria da Glória. Como afirma Gilberto Freyre, a governanta inglesa era

uma das instituições britânicas no início do século XIX e foi através delas que a disciplina britânica penetrou nas famílias aristocráticas e burguesas para dar-lhes novos padrões de educação (Freyre, 1948: p.266). Entretanto, a experiência de Maria Graham como governanta da princesa portuguesa no Rio de Janeiro foi breve, não durando mais de um mês, vítima da intriga de serviçais portuguesas do palácio que a indispuseram com o imperador D. Pedro I. Esta terceira e última estadia no Rio de Janeiro está registrada no *Escorço biográfico de D. Pedro* que escreveu na Europa logo após a morte do monarca em 1834, onde narra a convivência com a família real no palácio do Paço de São Cristóvão e a experiência como educadora da princesa D. Maria da Glória. Após deixar o palácio de São Cristóvão, em 1824, Graham alugou uma casa de campo, no vale das Laranjeiras, como era moda entre os artistas-viajantes da época e passou a dedicar-se as ilustrações botânicas e a coleta de espécimes na floresta virgem para enviá-los ao Jardim Botânico de Kew, na Inglaterra. (Belluzzo, 1999: p. 21) Lá morou acompanhada de uma escrava, Ana, e de um mulato livre, José, e parece ter-se libertado parcialmente dos rígidos padrões de feminilidade vitoriano e relacionado-se com o diferente, o outro, sem preconceitos, aceitando-o e até mesmo valorizando-o na sua diferença, portanto, superando os condicionamentos do olhar etnocêntrico.

## CONCLUSÕES

Após três anos intercalados de residência no Rio de Janeiro, Maria Graham representou-se como uma mulher segura que preenchia suas horas coletando e desenhando espécimes botâ-

nicos acompanhada de uma escrava e de um escravo negro. Até o final de sua estadia no Brasil continuou muito ligada à Imperatriz Leopoldina, com quem trocou correspondência até momentos antes de sua morte. Em 10 de Setembro de 1825, Graham deixou definitivamente o Brasil.

Sob a influência da ideologia de gênero da classe média inglesa, Maria Graham julgou o comportamento das mulheres brasileiras através dos rígidos padrões de feminilidade vitorianos e reproduziu o discurso imperial associando as maneiras inglesas à superioridade cultural. A ideologia do expansionismo comercial britânico tornou-se um motivo auto-explicativo no seu diário, no sentido de que as mulheres mais elogiáveis eram não somente aquelas que internalizaram a ideologia da modéstia vitoriana mas que vestiam-se de acordo com a moda britânica. O diário de viagem de Graham revela-nos as ambiguidades e contradições do sujeito imperial mulher nas zonas de contato, ao mesmo tempo rompendo e sujeitando-se aos papéis femininos aceitos socialmente, ora reproduzindo estereótipos, ora relativizando-os. No entanto, é exatamente a sua posição subordinada na sociedade vitoriana e marginal na empresa colonial britânica que lhes torna mais inclinadas a desviarem-se dos padrões da missão civilizadora e apresentarem-se mais inclusivas que os viajantes homens escritores nas suas relações sociais e nas suas narrativas, mostrando-nos o outro/outra como indivíduos e não apenas através de velhos estereótipos culturais e generalizações raciais. O diário de viagem abriu espaço para a voz feminina marginal dessas mulheres-viajantes e como um documento intermediário entre o diário pessoal mais íntimo e os relatos oficiais, revelou-nos uma leitura não impessoal e rica em nuances da construção da identidade e da alteridade nas periferias dos Impérios coloniais.

De volta a Londres Maria Graham casou-se com Augustus Calcott, um conhecido pintor de paisagens. Em 1835, escreveu um livro que tornou-se um clássico escolar, *Little Arthur's history of England*. Morreu de tuberculose em 1842.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, P. G. **Travel literature and the evolution of the novel**. Lexington: University of Kentucky, 1983. 368p .

BELLUZZO, A. M. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros, 1999. 3 v.

CHARTIER, R. **Cultural history: between practices and representations**. Ithaca: Cornell University Press, 1988. 209p.

GRAHAM, M. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia/Editora da

Universidade de São Paulo, 1990. 442p.

HAHNER, J. E. **Women through womens's eyes: Latin American women in nineteenth-century accounts**. Delaware: SRBooks, 1998. 184p.

HALL, C; LEONNE, D. **Family fortunes**. London: Longman, 1980. 576p.

LACOMBE, M. **Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina e cartas anexas**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1997. 149p

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 263p.

PRATT, M. L. **Imperial eyes: travel writing and transculturation**. New York: Routledge. 1992. 257p.

QUINTANEIRO, T. **Retratos de mulher**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 243p

SAID, E. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 459p